

O MOTIVO DA REVISTA *

Harriet Monroe

Na grande democracia de nossa época nenhum interesse é pequeno demais para pertencer a um órgão. Todo esporte, toda pequena indústria tem um canto e uma voz próprios, para que então possam encontrar amigos, saudá-los, cumprimentá-los.

A arte, em especial, necessita de um lugar fixo, uma voz de poder, se quiser cumprir sua tarefa e ser ouvida. Conforme o mundo cresce amplamente dia após dia, todo integrante que dele faz parte, seja através de algo que compra, conhece ou ama, busca até nos confins do mundo por pérolas da raça, coisas raras e delicadas, talvez subjugadas, perdidas nas encruzilhadas das correntes modernas, na confusão das imensidões modernas.

A pintura, a escultura, e a música se hospedam nos palácios das grandes cidades do mundo; e a cada uma ou duas semanas um novo periódico nasce para falar em nome desta ou daquela, afetosamente acolhida à custa de algum responsável. A arquitetura, atendendo às demandas comerciais e sociais, é moldada à força pelas asperezas e vicissitudes da vida, e abrigada indiscriminadamente pela necessidade material dos homens. Somente a poesia, de todas as belas artes, foi deixada para se transformar sozinha em um mundo inconsciente da sua necessidade imediata e desesperada, um mundo cujo grande feito, cujo triunfo sobre o material, sobre o selvagem, sobre inimizades e distâncias raciais, requer sua voz imortal para conceder glória e glamour.

A poesia tem sido deixada de lado e acusada de ineficaz, um processo tão irracional quanto culpar o deserto pela aridez. Esta arte, como todas as outras, não é um milagre direto da criação, mas uma relação recíproca entre o artista e seu público. As pessoas têm que fazer sua parte para que suas histórias possam ser contadas ao futuro pelo poeta; devem cultivar e irrigar o solo para que

* The motive of the magazine. *Poetry*, v. I, n. 1, out. 1912. Tradução de Ibriela Berlanda Sevilla, Julia Magalhães de Oliveira e Laíse Ribas Bastos.

o deserto desabroche como a rosa.

A presente ventura é um esforço modesto para conceder à poesia um lugar próprio, uma voz própria. As revistas populares podem mantê-la, gentil e precariamente — um canto de Cinderela nas cinzas — porque buscam um público amplo que não lhes pertence, um público que as adquire não pelos versos, mas pelas histórias, ilustrações, artigos, raramente pela literatura, mesmo em prosa. A maioria dos editores afirma não haver na América público para poesia; um deles escreveu para um jovem poeta que o verso aceito pelo mensário “deve servir para a mulher do barbeiro do interior”; enquanto outros provam seu desdém publicando cada vez menos versos ano após ano, os quais raramente ultrapassam o comprimento e a importância de um fim de página.

Acreditamos na existência de um público de poesia, que irá crescer, e que na medida em que se torne mais numeroso e apreciativo, o trabalho produzido por esta arte também crescerá em potência, beleza, e significado. Com isso em mente, temos sido encorajados pelo generoso entusiasmo de muitos assinantes para nosso fundo, pela solidariedade de outros amantes da arte, e pela rápida resposta de muitos poetas proeminentes, tanto americanos quanto ingleses, que têm enviado ou prometido contribuições.

Esperamos publicar na *Poetry* alguns dos melhores trabalhos atualmente realizados em verso de língua inglesa. Dentro das limitações de espaço colocadas por nosso humilde mensário, estaremos aptos a publicar poemas mais longos, e de caráter mais íntimo e sério, do que as revistas populares costumam veicular. O teste, limitado pelo sempre falível julgamento humano, é para ser de qualidade única; todas as formas, se narrativas, dramáticas ou líricas, serão aceitas. Esperamos oferecer aos nossos assinantes um lugar de refúgio, uma ilha verde no mar, onde a Beleza possa plantar seus jardins, e a Verdade, reveladora austera da alegria e da tristeza, de deleites e aflições ocultas, possa seguir sua missão sem medo.